

Presidente de Israel é recebido com protesto de milhares na Austrália

Manifestantes acusaram Isaac Herzog de ser cúmplice do genocídio realizado em Gaza

Amos Ben Gershom/ Government Press Office of Israel



Isaac Herzog foi alvo de protesto de manifestantes australianos em sua visita ao país

Milhares de pessoas se reuniram em toda a Austrália nesta segunda-feira (9) para protestar contra a visita do presidente de Israel, Isaac Herzog, que foi ao país para expressar solidariedade à comunidade judaica local após um ataque a tiros no ano passado.

O primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese, convidou Herzog para a viagem na sequência do incidente de 14 de dezembro, quando um atirador matou 15 pessoas em um evento judaico na praia de Bondi, em Sydney.

A visita, porém, causou indignação em manifestantes, que acusam o presidente israelense de ser cúmplice da destruição da Faixa de Gaza - no final de janeiro, Tel Aviv admitiu que 25 mil civis palestinos foram mortos em bombardeios durante a guerra de dois anos.

Grupos pró-Palestina organizaram protestos em cidades de todo o país na noite de segunda. Em Melbourne, um protesto no centro da cidade pedia o fim da ocupação israelense dos territórios palestinos. Já em Sydney, milhares de pessoas se reuniram em uma praça no centro comercial da cidade.

“O massacre na praia de Bondi foi terrível, mas da nossa liderança australiana não houve nenhum reconhecimento do povo palestino”, disse Jackson Elliott, um manifestante de 30 anos. “Herzog se esquivou de todas as perguntas sobre a ocupação e diz que esta visita é sobre as relações

entre Austrália e Israel, mas ele é cúmplice.”

Havia uma forte presença policial, com um helicóptero circulando e agentes patrulhando a cavalo - autoridades locais declararam a visita de Herzog um evento de grande porte e foram autorizadas a usar poderes raramente invocados, incluindo a capacidade de separar e mover multidões, restringir a entrada em certas áreas e revistar veículos.

Em Sydney, a polícia reprimiu os manifestantes e usou a força até mesmo contra alguns membros da imprensa, segundo a agência de notícias AFP, que

contou pelo menos 15 ativistas presos. Durante o confronto, grupos de pessoas tentaram romper linhas de segurança e avançar, e a polícia usou spray de pimenta e gás lacrimogêneo.

A mais de um quilômetro dos protestos, milhares de membros da comunidade judaica, autoridades governamentais e políticos de partidos de oposição receberam Herzog em um evento em homenagem às vítimas do ataque de Bondi.

“Todos nós lembramos dos boicotes, das ameaças, dos colegas que viraram as costas para seus amigos judeus (...) isso foi o prelúdio de Bondi”, disse ele a

uma grande multidão no Centro de Convenções Internacional de Sydney, segundo reportagem da emissora americana ABC News.

A visita de quatro dias começou mais cedo, com uma cerimônia na praia de Bondi, uma das mais famosas do mundo. Foi ali que, em dezembro, Sajid Akram, um homem de 50 anos de nacionalidade indiana, e seu filho Naveed, um australiano de 24 anos, abriram fogo durante uma comemoração do Hanukkah, uma festividade judaica, que reunia mais de mil pessoas.

Akram foi desarmado pelo refugiado sírio Ahmed al-Ahmed

e morto a tiros pela polícia. Seu filho permanece detido, acusado de terrorismo e 15 homicídios.

Herzog depositou uma coroa de flores em um memorial às vítimas do ataque no local. Ele também se encontrou com sobreviventes e familiares das vítimas.

“Este também foi um ataque a todos os australianos. Eles atacaram os valores que nossas democracias prezam: a santidade da vida humana, a liberdade religiosa, a tolerância, a dignidade e o respeito”, disse Herzog. “Os laços entre pessoas de bem de todas as crenças e nações permanecerão fortes diante do terror, da violência e do ódio.”

O político ainda celebrou o que considera “passos positivos” tomados pelo governo australiano para combater o antissemitismo após o ataque, com leis mais severas contra a posse de armas e o discurso de ódio.

A presença de Herzog dividiu a comunidade judaica no país. Em um comunicado, o codiretor executivo do Conselho Executivo dos Judeus Australianos, Alex Rychin, disse que a visita de Herzog “elevantará o ânimo de uma comunidade enlutada”.

Já o Conselho Judaico da Austrália, um crítico vocal do governo israelense, divulgou uma carta aberta assinada por mais de 1.000 acadêmicos e líderes comunitários judeus pedindo a Albanese que revogasse o convite a Herzog e afirmando que o líder não era bem-vindo devido à “destruição contínua de Gaza”.

Hong Kong condena Jimmy Lai, símbolo pró-democracia no país, a 20 anos de prisão

Jimmy Lai, 78, magnata da mídia pró-democracia em Hong Kong, foi condenado a 20 anos de prisão no mais longo julgamento já registrado sob a Lei de Segurança Nacional, imposta pela China em 2020. O empresário foi sentenciado com base na acusação de sedição, além de conluio com forças estrangeiras, crime que prevê prisão perpétua como pena máxima.

Lai é fundador e dono do jornal pró-democracia Apple Daily, que encerrou suas atividades em 2021 após uma ofensiva das autoridades, e uma das principais figuras julgadas sob a lei até agora.

Ele foi preso pela primeira vez em 2020 e condenado no ano passado após um julgamento que durou quase cinco anos e gerou

855 páginas judiciais, sendo visto como um marco da aplicação da legislação.

Os promotores do caso afirmaram que Lai pedia sanções contra Pequim e Hong Kong, o que ele nega. O magnata afirmou que jamais defendeu medidas contra o país após a imposição da Lei de Segurança Nacional, o que classificou de “suicídio”. Disse ainda que a linha editorial do jornal refletia os valores da sociedade de Hong Kong, marcada pela defesa da democracia e das liberdades.

A legislação foi criada pelo regime chinês em resposta aos protestos pró-democracia que ocorreram em Hong Kong em 2019 e criminaliza atos de secessão, subversão, terrorismo e con-

luio com forças estrangeiras. Na época, Pequim afirmou que os direitos e liberdades dos cidadãos do território autônomo seriam respeitados.

O caso chamou a atenção de líderes internacionais e de organizações em prol dos direitos dos jornalistas e da liberdade de imprensa. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, condenou a prisão de Lai e chegou a dizer que poderia incluir o assunto nas negociações da guerra comercial com Pequim, o que parece não ter acontecido. O americano afirmou, à época da condenação, que se sentia muito mal com a decisão judicial e que fez um apelo ao líder do regime chinês, Xi Jinping.

O Reino Unido também acompanhou o processo, uma vez que o empresário é cidadão britânico. Autoridades do país chegaram a dizer que consideraram o julgamento político e pediram a libertação do magnata. Em visita a Pequim, o premiê do Reino Unido, Keir Starmer, teria abordado o caso durante uma de suas reuniões com Xi. Ao Parlamento britânico após a viagem, o político afirmou que pediu ao líder chinês a libertação de Lai. A China não reconhece a dupla cidadania e, por isso, Lai foi julgado apenas como cidadão chinês.

Após a condenação em dezembro, um grupo de especialistas da ONU expressou “grande decepção” com o resultado do processo e declarou que o desfe-

cho é um exemplo simbólico do declínio drástico das liberdades fundamentais de Hong Kong desde 2019.

Familiares e organizações de direitos humanos também se preocupam com as condições de saúde do magnata, que é diabético, hipertenso e tem problemas cardíacos. Foram denunciadas restrições a tratamentos médicos, além de tempo excessivo em confinamento solitário.

À Folha de S. Paulo no ano passado, o regime chinês afirmou que Hong Kong oferece condições seguras, humanas e adequadas de detenção, além de diagnóstico e tratamento médico apropriados para Lai.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)